



## Uma Visão para o Futuro da Vida Religiosa

### Ir. Teresa Maya, CCVI

*Irmã Teresa Maya é membro da Congregação das Irmãs da Caridade do Verbo Encarnado, Santo Antônio, desde 1994. Ela tem trabalhado na área da educação, onde atuou como professora de história e administradora. Ela tem paixão pela formação de ministros para Hispânicos / Latinos nos Estados Unidos. Irmã Teresa teve seu B.A. na Yale University, seu M.A. no Graduate Theological Union em Berkeley e o Ph.D. em "El Colegio de Mexico" na Cidade do México. Foi Presidente da LCWR e atualmente é superiora geral de sua congregação.*

*Original em Inglês*

### Chamadas para Restaurar!

Semeadoras de esperança profética, aqui estamos nós! Agradeço o convite para estar aqui hoje à Presidente da UISG, Irmã Carmen Sammut, MSOLA, e à diretoria da UISG, e à Ir. Patrícia Murray, IBVM, obrigada por sua confiança. Ao iniciarmos nossa assembleia hoje, sei que a esperança está nesta sala simplesmente porque estamos reunidas.

Eu rezei, lutei e consultei sobre essa reflexão, tentando imaginar o que me dá esperança? O que é esperança? Como esperamos juntas como mulheres religiosas? Como temos esperança na visão do futuro emergente? Algumas histórias me vieram à mente, várias e várias vezes, pequenas histórias, histórias locais, histórias simples. Ponderando-as, em meus diferentes momentos de desesperança, comecei a encontrar esperança, e talvez esteja começando a entender como a visão do futuro de nossa vida se desdobra ao nosso redor gentil e suavemente, como minhas pequenas histórias.

A primeira aconteceu depois que o furacão Maria devastou minha amada ilha de Porto Rico. Meus amigos do Boricua escrevendo desesperadamente no *Facebook* e no *Twitter* tentando se comunicar com seus entes queridos, "*alguém sabe se...*", "*você pode se comunicar*". Durante as terríveis semanas que se seguiram, eu me deparei com uma história sobre uma organização que estava trabalhando para restaurar o magnífico recife de coral destruído pelos ventos - mergulhadores voluntários carregando pequenos baldes, restaurando um coral de cada vez. Minha primeira reação foi um sorriso cínico, quão ridículo e fútil. Eu só queria chorar porque aquela bela floresta tropical porto-riquenha e seu recife de coral de tirar o fôlego haviam sumido, e aqui estão esses idiotas; o que eles poderiam conseguir?! E, de repente, suavemente, senti isso- a esperança, o apelo: esforços simples, a semente da esperança. Eles estavam restaurando a dignidade da criação, um coral de cada vez!

Minha próxima história aconteceu durante uma viagem à fronteira México-Estados Unidos com todas as Irmãs líderes da conferência religiosa no Texas. Nós visitamos as agências e organizações que têm trabalhado para receber homens, mulheres e crianças que buscam hospitalidade em nosso país. Irmã Norma Pimentel, diretora de instituições de Caridade Católicas do Vale do Rio Grande, partilhou sua história com nosso grupo. Quando a primeira onda de menores desacompanhados chegou à fronteira, ela se apressou em criar um centro de acolhida numa paróquia. Os pedidos de ajuda foram enviados, voluntários e doações começaram a chegar. Todos estavam ocupados quando as autoridades locais chegaram e perguntaram à Ir Norma, "*o que está acontecendo aqui?*" Ela respondeu: "*Eu estou restaurando a dignidade humana.*" Os homens saíram e retornaram com mais voluntários e doações. Mais uma vez, quando ouvia Irmã Norma, pensei, milhares de pessoas, milhares de crianças, números impressionantes. Como vamos acolher a todos eles? E, novamente, simples hospitalidade, outra semente de esperança. Na fronteira México-EUA, eles estão restaurando a dignidade humana, uma pessoa de cada vez!

Minha terceira história vem da Colômbia. Ao visitar Cali, ouvi falar do longo e doloroso processo de paz depois que os cartéis, os militares e os paramilitares contratados deixaram cidades e famílias flageladas por seus sangrentos e violentos confrontos. Um grupo de mulheres tem criado borboletas para trabalhar pela paz numa organização chamada *Alas Nuevas*. Elas me deram uma linda borboleta, e enquanto eu olhava para ela, eu me perguntava como as borboletas reprodutoras podem fazer a diferença num lugar tão traumatizado? E, outra vez, gentilmente, simplesmente, a esperança surgiu. Elas estão restaurando a paz, uma borboleta de cada vez!

Precisamos esperar como elas fazem, firmes e humildes nesta atual realidade dolorosa e opressora que é a nossa, com os pés descalços. Este tempo que tem normalizado a crise é o nosso solo sagrado. Entre todas as diferentes crises que somos chamadas a viver e ter esperança, a que está mais perto de nossos corações deve ser nomeada desde o início desta conferência: a crise em nossa Igreja. A história julgará como reagimos a essa crise. Um dia, as religiosas serão cúmplices ou profetas ou vítimas. Nós simplesmente não podemos nos sentar à margem, mesmo quando estamos sendo marginalizadas!

Aqui somos chamadas a ter esperança na visão de Deus para o futuro. Precisamos passar por este tempo juntas, religiosas chamadas à comunhão, chamadas ao discipulado de Jesus, chamadas a ser sacramentos da presença de Deus em nosso mundo, mulheres consagradas. Nós só podemos esperar como religiosas; nós temos esperança porque somos religiosas.

Irmãs, estamos reunidas aqui para partilhar nossas histórias. Que histórias podemos contar uma à outra sobre receber o dom da esperança? Pois a esperança é um presente dado com delicadeza, simplesmente, no meio da desesperança. Um presente que devemos notar, receber e tornar real, umas para as outras, na partilha. Nosso dom da esperança superará o medo. Devemos contar essas histórias da profecia da compaixão simples, silenciosas e gentis que restauram, que revelam a surpreendente verdade do que Deus já está fazendo entre nós!

Sugiro, com essa reflexão, que a profecia da compaixão nos trará esperança, desde que tenhamos uma VISÃO, fomentemos nossa MEMÓRIA, cultivemos nossa OBSERVAÇÃO e ousemos LIDERAR.

### **VISÃO: Ver com Esperança Profética**

Nossa Assembleia nos chama a ser “*Semeadoras de Esperança Profética*”. Esta semana precisamos refletir entre nós, como é que esperamos como mulheres da Igreja? Sabemos que “*a esperança é o dom da comunhão*”, como eu lembrava na nossa conferência nos Estados Unidos no ano passado. A esperança é o resultado do encontro da comunidade. Gustavo Gutiérrez escreve que “*a esperança é um dom, uma graça e quando recebemos um dom, não é para nós; é para o nosso próximo.*” Com fé devemos buscar a visão de esperança encontrada em Jeremias: Deus promete um “*futuro com esperança*” se buscarmos de todo o coração (Jr. 29: 11-13, NRSV). A LCWR, nossa conferência nos Estados Unidos, aprendeu que essa visão do coração só pode ser encontrada tocando a sabedoria espiritual de nossa vida em contemplação, engajando-nos no discernimento comunitário. Mulheres religiosas devem ser mulheres de visão: videntes de esperança.

Esta visão de esperança para o nosso presente desafiador e sofredor e para um futuro pleno de vida exige que nos aprofundemos no mistério da nossa vida consagrada. Temos um compromisso público para o discipulado em comunhão, como afirmado na *Vita Consecrata*: “*A vida fraterna, entendida como vida compartilhada no amor, é um sinal eloquente da comunhão eclesial*”<sup>1</sup>. Nossa caminhada do êxodo, de renovação que começou com o *Vaticano II*, foi um lindo presente com desafios inabaláveis; com questões sobre estilo, ministério e ortodoxia nos tem fascinado e assombrado. A Sessão Plenária por ocasião dos 50 anos da *Perfectae Caritatis*, realizada pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, reconheceu que:

Mesmo após o amplo e rico processo de adaptação e renovação [*accomodata renovatio*], que se realizou após o Concílio, a vida consagrada pode ainda se apresentar com desafios abertos que devem ser enfrentados “*com determinação e um olhar para o futuro*”.<sup>2</sup>

“*Quem somos nós? Para onde estamos indo?*” - são perguntas inflexíveis que nos dividiram e nos assombraram. O debate de renovação precisa ser deixado para descansar em prol da visão do Reino de Deus que fomos chamadas a testemunhar, as pessoas de nosso tempo estão desesperadas por esperança.

A visão de esperança nas promessas de Cristo requer que vivamos em nossos princípios, não respostas. É esperado que vivamos com nobreza de espírito, na graça e no mistério de nossa consagração. O tempo para grandes “*empreendimentos*” ou obras apostólicas acabou, lembrando o belo tear de Ir. Márian Ambrosio - há três anos nesta mesma sala - “*nós devemos*

---

<sup>1</sup> *Vita Consecrata*, No. 42.

<sup>2</sup> Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica: *Vinho Novo em Odres Novos: A Vida Consagrada e seus Desafios Contínuos desde o Vaticano II*, Diretrizes, 2018, introdução.

viver no 'poder do como'.<sup>3</sup> Vamos caminhar para a promessa de esperança, permanecendo firmes em nossa identidade. Precisamos ser mulheres de caráter e virtude agora mais do que nunca. Para encontrar esperança, precisamos ser proféticas e, para sermos proféticas, nossas vidas precisam testemunhar em que acreditamos e quem somos. O caminho para a esperança é através da profecia. Como profetizamos como religiosas?

O tempo das palavras acabou, então perdoem-me por aquelas que estou usando aqui! Precisamos de um novo modo de testemunhar que manifeste nossos valores, que serão mais inteligíveis e acessíveis para o nosso tempo. A boa nova do Evangelho precisa ser contada através da arte, de símbolos e gestos. Este é um tempo para compartilhar o tipo de significado que não pode ser encontrado em palavras. Uma amiga me lembrou que a crise em todo o mundo não poderia ser racionalizada ou resolvida. Devemos dar às nossas mentes racionais um tempo sabático para que o subconsciente criativo, não linear, possa nos ajudar a navegar através de histórias, poesias, arte, símbolos e gestos. Temos um novo apelo apostólico para oferecer sentido a um mundo sofredor, com a linguagem não-verbal que nossa vida consagrada pode falar com tanta beleza. Precisamos oferecer uma profecia que o mundo possa ver.

A visão para esse tipo de profecia emergirá da narrativa de esperança encontrada nas profundezas de nossos carismas. Somos um povo com uma visão, uma visão do amor e compaixão de Deus por toda a criação. Mulheres religiosas, como somos, jovens e idosas, muitas e escassas, precisamos testemunhar a compaixão, como as pessoas em minhas pequenas histórias. Nossa visão profética está em nossos corações, mãos e pés. Os lugares onde andamos, as pessoas que tocamos, a maneira como acompanhamos, as orações que rezamos contam a história da compaixão inserida na esperança do Reino de Deus, onde Jesus nos chama para seguir. Nós testemunhamos a restauração da dignidade para todos os seres humanos, para o nosso planeta, um simples e amoroso ato espiritual de compaixão de cada vez. José Antônio Pagola escreve que “para Jesus, a compaixão não é apenas mais uma virtude, mas a única maneira de imitar a Deus, a única maneira de ver o mundo, de tratar as pessoas e de reagir aos seres humanos da maneira mais semelhante a Deus”<sup>4</sup>. “Nosso caminho para a profecia é através da compaixão. A compaixão, todos podem ver, não ler ou ouvir, mas simplesmente ver. Não precisamos fazer nada a mais ou a menos.

Profecia e esperança dançam no interminável ciclo de compaixão que tece o futuro prometido por Deus. Nossos pequenos e simples atos de compaixão oferecem essa visão da criação para cada ser humano como profecia porque acreditamos!

## MEMÓRIA: Para confiar no Apelo Profético

O futuro da vida religiosa está entranhado em nossa memória! Por muito tempo temos estado obcecadas com o futuro. Não posso nem contar quantos livros li sobre o futuro da vida religiosa, e só consigo ler em dois idiomas! Nós nos temos perguntado sobre o futuro por muito tempo. E sim, estamos preocupadas com o futuro; na verdade, temos medo do futuro. Algo deu errado depois do fervor que se seguiu ao Concílio Vaticano; isso não deveria ter acontecido. Nossas respectivas respostas, entusiasmadas ou não, deveriam trazer um novo céu e uma nova terra!<sup>5</sup> Nós fizemos inúmeras estatísticas e projeções. Nossas perguntas sobre quantidade traem nossas inseguranças, nosso medo do futuro: “*temos mais, você tem menos*”, “*quantas noviças*”, “*quantos ministérios*”. Nós jogamos este jogo através de institutos, conferências, hemisférios, por muitos anos. Eu me pergunto quando sairemos do inútil carrossel que esgotou nossa energia criativa e espiritual. Precisamos de um *exame* coletivo, como mulheres religiosas, mas também como Igreja, para nos apropriar dos demônios que conduziram nossa ridícula busca por significado numérico. Espero agradecer ao Papa Francisco um dia por dizer que nossos “fundadores e fundadoras nunca pensaram que seriam uma multidão”<sup>6</sup>. Todo o tempo que gastamos em números me lembra o espelho na narrativa *Branca de Neve*, “*espelho, espelho meu, quem é a mais bela do que eu*”. O orgulho é impróprio para nossa vida, mas tem sido tão tentador, tão brilhante!

Eu, ao invés disso, ofereço uma lente diferente: a busca pelo futuro deve começar pela lembrança. Para entender o futuro, precisamos ter tempo para lembrar. “Lembrar” em espanhol vem do *re-cordis*, para correr ao coração mais uma vez. Precisamos “*re cordar*”. A memória é o sacramento da presença. Como líderes, devemos interpelar nossas irmãs para a memória sagrada e dialogar com nossa nuvem de testemunhas para acreditar em nosso futuro. Precisamos entrar no mistério da nossa memória, às vezes seletiva, às vezes dolorosa, às vezes escondida. Precisamos contar e recontar as histórias que

<sup>3</sup> Márian Ambrosio, IDP, “Tecendo a Solidariedade para a Vida – Viver e Testemunhar como Mulheres Religiosas de Vida Religiosa apostólica”. UISG Assembleia Plenária de 2016.

<sup>4</sup> José Antonio Pagola, *Recuperar o Projeto de Jesus*, PPC, 2015, Kindle, Loc. 823. Minha tradução.

<sup>5</sup> José Antonio Pagola, *Recuperar o Projeto de Jesus*, PPC, 2015, Kindle, Loc. 823. Minha Tradução.

<sup>6</sup> Simon Pedro Arnold falou sobre isso na América Latina, durante os 80s ele disse “*Assistimos ao que poderia ser chamado de perda de ilusões. Longe de abraçar as propostas libertárias, os pobres acomodaram-se e adaptaram-se às “painéis do Egito”, preferindo a segurança da escravidão neoliberal à liberdade hipotética não-conbera*”, *Aonde vamos? Uma teologia da vida consagrada para um tempo de crise e esperança*, Paulinas, 2012, p. 49. Tradução minha.

<sup>6</sup> Cindy Wooden, “Espalhar Esperança, anunciar Cristo, não se preocupe com números, disse o Papa Francisco”, CNS, 2017, <<http://www.catholicnews.com/services/englishnews/2017/spread-hope-preach-christ-dont-worry-about-numbers-pope-says.cfm>>

nos fizeram: nossas histórias pioneiras, nossas histórias fundantes, nossas histórias de renovação e conflito; nós encontraremos as sementes de esperança que precisamos semear lá. Como nos lembramos como uma comunidade?

Uma amiga historiadora me alertou sobre nosso uso utilitário da história. Nós contamos histórias não para encontrar o caminho, não porque precisamos resolver um problema; não como uma visão nostálgica do que se foi; nós contamos histórias para saber quem somos! Ela me indicou a reflexão de Umberto Eco sobre a floresta. Em um pequeno ensaio, ele escreveu que há duas maneiras de entrar na floresta narrativa:

A primeira é tentar uma das várias rotas (para sair da floresta o mais rápido possível, digamos, ou para chegar à casa da avó, Tom Thumb, ou Hansel e Gretel); a segunda é caminhar para descobrir como são os bosques e descobrir por que alguns caminhos são acessíveis e outros não ... Entramos nas histórias da mesma maneira; o primeiro tipo de leitor entra no texto procurando saber “como a história termina”... então geralmente é suficiente lê-lo uma vez. Em contraste, para identificar o autor do modelo, o texto precisa ser lido muitas vezes e certas histórias interminavelmente.<sup>7</sup>

Nossa responsabilidade mais sagrada, como líderes de institutos religiosos, reside no símbolo e no significado. Precisamos ser contadoras de histórias de artesãos, então nos lembramos de quem somos.

Quando a Irmã Verônica Openibo, Superiora Geral da Sociedade do Menino Jesus, se dirigiu à Cúpula do Vaticano sobre o abuso, mais uma vez fiquei cheia de esperança. Todos nós estávamos com ela quando ela testemunhou para as mulheres em todo o mundo. No mês passado eu estava em Roma, e pensei nela enquanto estava diante de cada estátua de mulher que encontrei na Basílica de São Pedro depois da celebração da Eucaristia. Vagando de um pilar para o outro, rezei a cada uma delas e perguntei que testemunho te levou a este lugar. Como você esperou? E o que descobriremos sobre nós mesmos em diálogo com suas histórias?

Ouvindo a Irmã Verônica e refletindo sobre a história de nossas mulheres da Igreja, percebi por que a memória é crítica neste momento. A história da Ir. Juana Inês de la Cruz, uma Irmã mexicana do século XVII, que morava num convento de clausura do período colonial espanhol, veio-me imediatamente à mente. Desafiada pelo Arcebispo de Puebla sobre as mulheres e a aprendizagem, ela escreveu uma defesa conhecida como *Carta à Irmã Filotea de la Cruz*. O que ela fez foi lembrar a história de todas as mulheres que vieram antes dela!<sup>8</sup> Como outras mulheres instruídas da Igreja, ela encontrou forças para resistir em suas histórias. Seu poder permitiu que ela reconhecesse os dons que Deus lhe dera, e até hoje sua poesia e aprendizado desafiam e mistificam historiadores e críticos.

Enquanto em Roma, eu fiz uma peregrinação ao túmulo de uma dessas mulheres, Santa Catarina de Siena, para rezar por orientação, para lembrar que este momento em nossa Igreja não é único, que centenas de anos depois, as questões sobre o papel das mulheres na Igreja continuam a reivindicar nossa atenção. Precisamos apresentar os nomes das mulheres resilientes que vieram antes de nós, assim como Ir Juana fez. Precisamos lembrar delas, para torná-las presentes à situação atual da Igreja, não porque queremos um lugar à mesa do clericalismo, mas porque somos chamadas a tornar a Igreja inteira! A ladainha das mulheres da Igreja que nos desafiaram e nos interpelaram deve ser rezada em nossos institutos. O sacramento da memória fará delas uma presença real em nosso mundo hoje.

Eu convido você a considerar as mulheres de suas tradições que precisamos invocar num momento como este. Quem são as mulheres em todos os continentes, em seu instituto, de quem você se lembra, cujos nomes precisam ser recitados e invocados neste tempo?

Mas também precisamos lembrar as mulheres que foram resilientes em face de probabilidades terríveis, mulheres marginalizadas, mulheres indígenas, mulheres escravizadas, mulheres vítimas de abuso. Nós devemos honrar seus nomes também. As imagens que surgiram em todo o mundo do mais recente *Dia da Mulher* vêm à mente.<sup>9</sup> Todas elas ecoam as palavras de Sojourner Truth, a abolicionista afro-americana do século XIX que lutou contra a escravidão nos Estados Unidos e desafiou as mulheres brancas dizendo: “*Não sou uma mulher.*”<sup>10</sup> Mulheres do mundo todo estão mostrando essa capacidade de resiliência; elas continuam sendo pilares diante da incrível adversidade e sofrimento. Precisamos lembrar que

<sup>7</sup> Umberto Eco, “the Woods of Loisy”, in *Six Walks in the Fictional Woods*, Harvard, 1994.

<sup>8</sup> Sor Juana Ines escreve em defesa de sua escrita, lembrando todas as mulheres eruditas da antiguidade e, em seguida, a tradição cristã, Resposta à Carta de Sor Filotea de la Cruz, 1691. A Universidade da Geórgia tem seus trabalhos on-line em: <https://www.ensayistas.org/consejo/about.htm>

<sup>9</sup>Um exemplo é o exibido “Mulheres que não baixam os braços: Histórias de mulheres resilientes e valentes,” Médicos sem Fronteiras, <https://www.msf.mx/event/exposicion-mujeres-que-no-bajan-los-brazos>

<sup>10</sup> AINT I A WOMAN, Sojourner Truth, 1851 Convenção das Mulheres Akron Ohio

as mulheres em todos os lugares, de todas as culturas e religiões, em todos os hemisférios, permanecem repetidas vezes como profetizas da compaixão. Sua história também é nossa história!

Tanta coisa aconteceu desde a última reunião da UISG. As manchetes de país a país chamaram nossa atenção e devem nos desafiar. Recuperar nossa memória também deve nos ajudar com a preocupação divisiva e mópe sobre o feminismo que frequentemente ouvimos expressas na sociedade e em nossa Igreja. Talvez agora precisemos recuperar a memória do nosso legado feminista. Precisamente neste momento em que todas as instituições ao redor do mundo são desafiadas a garantir que a dignidade dos seres humanos seja sempre protegida, nosso legado feminista tem uma palavra de integridade a oferecer. *Todas nós devemos ser feministas, nossos irmãos e pais, e os padres devem ser feministas!* Sim, eu disse, as religiosas devem ser todas feministas, feministas cristãs, que se comprometeram a lutar e resistir para garantir que mulheres, homens e crianças sejam todos tratados como seres humanos. Precisamos do feminismo da compaixão encontrado nas histórias que inspiraram nossa coragem como religiosas ao longo dos séculos. Essas histórias começaram há muito tempo com Jesus e as mulheres que ele encontrou. Mulheres que nos ensinam a tratar mulheres como Jesus, respeitosamente, amorosamente. Mulheres que, como Jesus, nos ensinam a aconselhar-se com Maria, sua mãe, aconselhando-o no casamento em Caná. Mulheres que, como Jesus, nos ensinam a encontrar sabedoria em mulheres como a samaritana no poço; Mulheres que, como Jesus, nos ensinam a aceitar os desafios da mulher siro-fenícia; e mulheres que nos interpelam para perceber o sofrimento como ele fazia quando a mulher que sofria de hemorragia o tocou. O feminismo cristão nos chama para amar, confiar e desafiar os homens que caminham conosco. Adotar uma perspectiva feminista nos tornará mais fiéis a Deus, à nossa igreja, às nossas comunidades e às nossas famílias.

Precisamos lembrar que o feminismo cristão encontra inspiração na história do Gênesis, reconhecendo que metade de todos aqueles criados à imagem e semelhança divina de Deus são subestimados em quase todas as áreas sociais, cívicas, políticas - e, certamente, todas eclesiais. O feminismo cristão nos chama a perceber que as mulheres sofrem os efeitos da pobreza, doença e violência em graus desproporcionais em quase todos os países do mundo - e precisamos mudar essa realidade. Precisamos abraçar a causa das mulheres porque somos mulheres religiosas e isso é como Johann Metz disse, nossa “memória perigosa.”<sup>11</sup>

Como religiosas, precisamos nos unir a mulheres em todo o mundo em seu esforço para humanizar suas vidas. Lembro-me das imagens de mulheres dançando para resistir à violência, a *One Billion Rising Revolution - Um bilhão de revoluções crescentes*.<sup>12</sup> Nós dançamos com elas? As mulheres precisam de nós como somos, menos e mais idosas, mas presentes. A memória nos lembrará que a causa delas tem sido a nossa causa: estar com as mulheres vulneráveis à violência e à marginalização é a nossa história. Não podemos nos ausentar dos fóruns onde as mulheres conversam sobre a humanização de todos os povos, que ecoa o tocar, a amizade e a valorização das mulheres por Jesus nos Evangelhos. Temos que compartilhar com elas as histórias de nossas mulheres, nossas irmãs, que lutaram em face da adversidade como profetizas da compaixão. Precisamos retornar à nossa narrativa das mulheres de fé, as mulheres de sabedoria, as mulheres de espírito, em cujos ombros nos encontramos. Precisamos contar as histórias de coragem das mulheres em nossos institutos que caminham com outras mulheres criando e semeando esperança de forma simples, esperançosa e respeitosa. A Irmã Andrea Lee, IHM, presidente do Alverno College, falou recentemente sobre essas mulheres dizendo:

“Respeitamos umas às outras, nos alegramos umas com as outras e nos apoiamos mutuamente, até o momento em que entregamos cada Irmã aos braços acolhedores do Senhor no momento de sua morte. É tão bom e tão poderoso. Essa força muito evidente e o que é capaz de realizar é parte do que me atraiu para a vida religiosa. Ver as mulheres ensinando umas às outras; desejando que elas me ensinassem. Ver a alegria, a bondade, a inteligência e o comprometimento unidos. Pouco a pouco, ver a força, a ousadia que poderíamos ter juntas, é poder e ousadia que nenhuma de nós teria sozinha. Embarcando numa longa aventura com mulheres que pensam como você. Boas e sábias mulheres me ensinaram isso. E isso é parte de como cheguei a estar onde estou hoje.”<sup>13</sup>

A Irmã Andrea não disse isso, mas eu direi: Tenho certeza de que todas eram feministas cristãs, como nós devemos ser!

A memória trará à luz tantas histórias: as mulheres da Bíblia, da nossa Igreja, dos nossos institutos, do nosso tempo, nos falarão de fé, coragem e resiliência. O apelo a recordar está além da narrativa cuidadosa de complementaridade ou mesmo

---

<sup>11</sup>Chimamanda Ngozi Adichie, *Todas devemos ser Feministas*, Vintage Books, 2014. Ela diz no livro publicado de sua fala no TED: “O gênero como funciona hoje é uma grave injustiça. Estou com raiva. Todos nós devemos estar com raiva. A raiva tem uma longa história de trazer mudanças positivas. Além da raiva, também estou esperançosa, porque acredito profundamente na capacidade dos seres humanos de se refazerem para melhor.” P. 21.

<sup>12</sup> “One Billion Rising é a maior ação em massa para acabar com a violência contra as mulheres (cisgênero, transgênero e aqueles que mantêm identidades fluidas que estão sujeitas à violência baseada em gênero) na história da humanidade. A campanha, que foi lançada no Dia dos Namorados de 2012, começou como uma chamada à ação baseada na incrível estatística de que 1 em cada 3 mulheres no planeta será espancada ou estuprada durante sua vida. Com a população mundial em 7 bilhões, isso aumenta para mais de UM BILHÃO DE MULHERES E MENINAS.” <https://www.onebillionrising.org/about/campaign/one-billion-rising/>

<sup>13</sup> Andrea Lee, IHM, “Profundo Encontro: Uma Aventura de Muitas Surpresas”, Semana Nacional das Irmãs Católicas, 10 de março de 2019.

de colaboração, trata-se da missão de humanização. Precisamos unir nossas mãos, nossas vozes e nossa oração a toda a causa que restaure a dignidade humana, porque nos lembramos de quem somos. Como líderes, por exemplo, devemos ser patrocinadoras das redes *Talita Kum* em nossos países. Mas a humanização também precisa acontecer dentro dos nossos institutos. Precisamos honestamente compartilhar nossas histórias de cumplicidade e silêncio, porque as temos. Precisamos lidar com transparência e responsabilidade em todas as áreas da vida do nosso instituto. Precisamos contar nossa história contínua de luta e coragem para construir o Reino de Deus no meio de nossa própria Igreja.

Nossa memória inspirará nossa coragem. As religiosas são responsáveis pela integridade da vida humana em seu DNA. O tempo para estar como mulheres com outras mulheres é agora. A hora de estar ao pé da cruz do sofrimento de tantos é agora, como as mulheres que vieram antes de nós. Caso contrário, a humanização compassiva que Jesus nos chamou para testemunhar pode se perder numa nova geração de mulheres que precisa saber por que somos mulheres que se respeitam e são Católicas.

### **OBSERVAR: Para viver plenamente o nosso momento**

Fomos chamadas para liderar durante um período de profunda transformação. Eu não preciso dizer isso para vocês como líderes de seus institutos. Esta transformação é mais significativa ou menos que as outras? Os historiadores nos lembrarão que não é, mas é esse o período pelo qual passamos a viver! Se é o mais significativo ou não, importa pouco. A mudança está em toda parte - grande, enorme, desafiadora, muitas vezes assustadora. Fronteiras estão mudando, os mapas estão mudando, o mundo está "em movimento", migrações massivas de pessoas, ideias e bens agora são possíveis como nunca antes. Até mesmo o clima e nossa compreensão de gênero estão mudando. E a Igreja, que confesso que pensei que levaria outro século para se fazer algumas perguntas críticas, agora está se questionando! Será que a nossa Igreja também está à beira da mudança? O movimento descreverá nosso tempo. Liderar quando tudo está em movimento exige todo um novo conjunto de habilidades, levando um instituto religioso a parecer diferente do que fazia antes ou depois do Concílio. O globo sul parece diferente porque não é o mesmo antes do domínio colonial, ou antes e depois da partida dos missionários. Não importa qual o foco ou o ângulo que usamos, são tempos diferentes!

Precisamos ser observadoras do horizonte! Nós observamos o amanhecer porque acreditamos, porque sabemos que a noite vai acabar. "Por mais longa que seja a noite",<sup>14</sup> perseveramos porque acreditamos que o dom de Deus, o dom da esperança, será nosso. Precisamos ser sentinelas espirituais para toda a humanidade. Por ocasião do Ano da Vida Consagrada, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada nos ofereceu o documento "Scrutate", Vigiai! chamando-nos para: "Buscar os horizontes de nossa vida e de nossos tempos, em oração vigilante; perscrutar a noite para reconhecer o fogo que ilumina e orienta, para contemplar os céus, procurando os arautos da bênção para nossa *secura*. Manter-se acordadas e vigiar, e fazer intercessão, manter firme nossa fé."<sup>15</sup>

Para responder ao chamado para profetizar, a fim de caminhar na esperança, devemos tender à nossa identidade contemplativa; devemos observar tudo! Observar contemplativamente é um novo ascetismo; Observar com esperança profética requer um longo olhar amoroso que mantém tudo diante dele, não importa quão estranho, doloroso ou diferente. Precisamos ser o avanço da *Igreja em Saída*, a Igreja que sai, por causa de quem somos. O futuro de nossa vida como religiosas estará intimamente relacionado à nossa coragem de desenvolver uma espiritualidade de perceber como o espírito de Deus está provocando novos insights e esperança ao nosso redor.

Precisamos começar observando as mudanças que estão ocorrendo na vida religiosa, superando as tentações habituais da liderança. A tentação de ficar ocupada com tarefas menores que são importantes, mas não cruciais. A tentação de nostalgia, de continuar rebobinando os vídeos, quando estávamos acostumadas, quando tínhamos, ou fomos, ou fizemos; obcecadas por números decrescentes e envelhecimento, focadas apenas no que está morrendo. A tentação de nossas boas obras! Fizemos um trabalho incrível para a Igreja e para os países que servimos: serviços na área da saúde grandes e pequenos, ensinamos gerações de crianças, mas manter os "serviços", por mais importantes que sejam, também pode nos impedir de observar os movimentos surpreendentes que ocorrem à nossa frente. As tentações nos fazem míopes; elas obscurecem a capacidade de perceber o novo.

Paras superar as principais tentações da liderança, poderíamos então começar a observar com alegria o que está surgindo ao nosso redor - a "mudança" de energia para a vida religiosa do globo norte para o globo sul. A quarta onda de migrações religiosas, atualmente em curso, difere das migrações missionárias dos séculos XVI e XIX, porque está fluindo na direção oposta, ou pode estar na direção certa hoje!<sup>16</sup> Todo o centro de gravidade da Igreja está se movendo para o sul, e nossa

---

<sup>14</sup> LCWR publicou um livro partilhando experiências da conferência durante a Investigação do Vaticano, as Irmãs escreveram que aprenderam: "Que o Espírito opera em e através de grupos, não apenas através de indivíduos. Essa contemplação é um dom poderoso de Deus. Que Deus ama não apenas nós, mas também aqueles em conflito conosco, igualmente e extravagantemente. Por mais que tenha sido a noite, fomos feitas para estes tempos". Apesar da Noite Longa: Dar Significado a um Tempo de Crise, LCWR, 2018, p.10

<sup>15</sup>*Vigiai!*, Congregação para os Institutos de Vida Religiosa e Sociedade de Vida apostólica, 2014, No. 1.

<sup>16</sup>Veja Mary Johnson's et al new book, *Migração para a Missão: Irmãs Católicas Internacionais nos Estados Unidos*, Oxford, 2019.



percepção é "colorida" pelo nosso preconceito. Quantas vezes mais tenho de ouvir sobre as mulheres, de países do globo sul, que buscam ingressar em nossas congregações, que: "elas querem apenas um visto, uma educação ou uma vida confortável"? Quantas vezes precisarei ouvir que "o celibato é um desafio na cultura delas", mas claramente não é na nossa? Nós também precisamos observar como percebemos!

Precisamos estar fazendo as perguntas certas, não porque encontraremos as respostas, mas porque as perguntas guiarão nossa percepção. Onde está a necessidade? O que cabe a nós fazer? Quem somos nós hoje? Quem somos nós, globalmente? Como somos nós, globalmente? Para onde estamos sendo convidadas a colaborar, a trabalhar em rede, a construir pontes dentro e além da vida religiosa?

A espiritualidade do observar, do notar nos levará aos pequenos atos significativos de compaixão que restauram a esperança. Então nós nos juntaremos aos restauradores ao nosso redor, restaurando a criação, a dignidade humana e a paz, um pequeno passo de cada vez!

### **SEMEAR: Para nos apropriarmos do Apelo como Líderes**

As sementes da esperança profética precisam ser plantadas, regadas e cuidadas. Este trabalho requer liderança. Como a UISG convoca a liderança dos institutos das religiosas de todo o mundo, aqui estamos nós, as moderadoras supremas, as superiores gerais, as líderes de nossas comunidades. O que cabe a nós fazer para podermos continuar essa caminhada para a esperança? Nós temos um legado de liderança. As Irmãs ocupam cargos de liderança há séculos em instituições, ministérios e trabalho pastoral muito antes de as mulheres poderem votar, registrar-se em uma universidade ou até mesmo possuir propriedades. Este é o nosso legado; nossa história é a prova de que as mulheres podem liderar até mesmo na Igreja! E quando o fazem, tecem solidariedade e semeiam esperança!

Nós semeamos a esperança fazendo o que nos compete como líderes eleitas por nossos institutos. Somos mulheres a serviço da liderança, chamadas por nossas Irmãs para servir ao nosso carisma. Precisamos nos apropriar dessa liderança com integridade junto com nossos conselhos. Nós conduzimos a uma visão de esperança reunindo, defendendo, chamando, convidando, convocando para ver o todo! Precisamos ousar a liderar, como Brené Brown define uma líder, "líder é qualquer pessoa que assuma a responsabilidade de encontrar o potencial em pessoas e processos, e que tenha a coragem de desenvolver esse potencial"<sup>17</sup>. Fomos chamadas por nossas Irmãs para sermos líderes, para liderar. Outra pessoa pode planejar um funeral ou reorganizar a mobília de uma casa mãe. Naturalmente, nós convocamos os dons das outras; nós pedimos conselho; nós delegamos e devemos liderar na comunidade. Liderança em nossos institutos religiosos deve promover, cuidar, nutrir e criar o espaço sagrado que irá garantir a comunidade, a colegialidade e a colaboração. O futuro da esperança prometida em Isaías está embutido na comunhão. A esperança é o dom da comunhão!

Para semear a esperança, precisamos sair da nossa versão de clericalismo. Precisamos fazer nosso trabalho, nomeá-lo, chamá-lo e confessá-lo. Precisamos trabalhar duro para expulsar os demônios em torno do serviço da autoridade, exercendo o tipo de liderança profética que semeará esperança. Nós devemos reconhecer o autoritarismo e também nomear o individualismo desonesto que o cria. A conferência ao celebrar os 50 anos da *Perfectae Caritatis*, teve algumas advertências sérias sobre o abuso de autoridade em nossos institutos.<sup>18</sup> Um exame honesto de consciência identificará o lado sombrio de nosso exercício de autoridade encontrado em todos os nossos institutos. Embora respeitosa da cultura, nunca devemos usá-la para justificar o abuso de autoridade, favoritismo ou mesmo o "novo tribalismo" que está surgindo entre nós, onde o pertencer requer alinhamento ideológico e que é propenso a condenação do outro e polarização. Nossa vez de liderar é agora, somos chamadas como guardiãs do corpo que é a congregação. Rezo para que, quando for nossa vez de transmitir a liderança de nossos respectivos institutos, façamos isso com uma compreensão mais saudável da vulnerabilidade de seu poder e autoridade.

Podemos oferecer algo a partir de nossa sabedoria coletiva, nossos anos de discussão, nossos capítulos especiais, nossos esforços para tornar real e tangível a renovação solicitada pelo Concílio Vaticano. Nossos institutos têm passado lenta, penosamente, às vezes até comicamente, de modelos verticais de autoridade para modelos horizontais, até mesmo circulares. Precisamos liderar essa mudança para semear esperança! Ao respeitarmos a autoridade legítima, aprendemos a compartilhar nossos dons. Mas nada disso pode acontecer se não assumirmos a responsabilidade que nos é dada pelo nosso instituto, se não formos as "moderadores" determinantes de nossas comunidades.

Estamos liderando uma vida em movimento! Não podemos nos dar ao luxo de ancorar nossas respectivas frotas; em vez disso, precisamos navegar e nos ajeitar conforme vamos indo. Precisamos liderar num "ambos- e" onde continuamos a

<sup>17</sup>Brené Brown, *Ousar Liderar, Trabalho Corajoso, Conversas Difíceis*, Corações Inteiros, Random House, 2018, p.4.

<sup>18</sup> *Vinho novo em novos odres: a vida consagrada e seus desafios contínuos desde o Vaticano II, Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*, 2018, números 19-28.

encorajar a transformação e, ainda assim, oferecer às nossas Irmãs uma segurança estrutural suficiente que sustente o movimento. Vicki Wuolle, CSA, imagina isso dizendo: “Costumo me referir à experiência de construir o navio enquanto navegamos, o que é uma imagem que nos ajuda a manter o equilíbrio entre ter estrutura suficiente para oferecer apoio à missão que servimos, ao mesmo tempo em que somos suficientemente fluentes para nos permitir de sermos moldadas pela realidade”<sup>19</sup>. Precisamos ir além do modelo hierárquico, onde ainda somos a “Reverenda Madre” cercada de “filhas obedientes” - além da “tirania do consenso”<sup>20</sup>, porque às vezes, quando há uma líder em cada posição, não há líder! A esperança não prosperará em comunidades com líderes absolutas ou em comunidades sem liderança. Precisamos liderar através de uma maneira nova de exercer autoridade, não nos afastando dela, não nos escondendo atrás dos arranjos de flores para a próxima festa, mas ousando ser reais, ousando liderar a partir de nossas vulnerabilidades. Precisamos ser reais e honestas sobre nós mesmas no serviço de liderança, nos dias em que nos surpreendemos nos perguntamos o por quê, nos dias em que não conseguimos ver o caminho a seguir, nos dias cheios de tristeza e pesados.

Precisamos liderar em colegialidade, colaboração e trabalho em rede, mais do que nunca! O modelo de solidariedade que a UISG apresenta precisa ser apropriado e cultivado. Nós fomos convocadas; esta assembleia é um lugar de colegialidade. Eu até me atrevera a dizer sinodalidade! Tanto a colegialidade como a colaboração também precisam de liderança. Uma das responsabilidades mais sagradas que temos é “estarmos conectadas/colocar em rede” nossos institutos com outros institutos, com nossas conferências, com religiosos e religiosas em todo o mundo, com outras organizações e, é claro, com a Igreja. Rezo para que, quando Pat Murray vier aos Estados Unidos, em agosto, ela nos desafie a fazer exatamente isso: tecer a solidariedade global. As líderes têm o privilégio de ver o todo; as líderes têm o privilégio de conhecer outras líderes. Irmãs, que esta Assembleia seja mais do que uma fotografia com o Papa Francisco! Que esta Assembleia nos motive a abraçar nosso papel como líderes de colegialidade e colaboração.

Nós lideramos para que possamos testemunhar a compaixão como um corpo congregacional. Nós colaboramos e nos conectamos para que esta caminhada de compaixão profética possa nos conduzir a um futuro cheio de esperança!

### **CONCLUSÃO: Chamadas para Restaurar de forma Simples, Gentilmente**

O movimento está ao nosso redor. O chão abaixo de nós está mudando. As instituições que moldaram grande parte de nossas vidas são obrigadas a entrar num profundo exame de consciência. Justo além dos desafios que transformarão a vida religiosa, justo além, começaremos a ver o amanhecer. Uma nova vida religiosa menor, mais ágil mas global está emergindo. A liderança virá de um hemisfério diferente; novas culturas inspirarão nossos carismas. A mudança começou e provavelmente será completa em nossas vidas, talvez até durante nosso mandato como líderes. E tudo isso está acontecendo em meio a grandes mudanças em nosso mundo, em nossos países e também em nossa Igreja. Nós sabemos disso! Talvez seja por isso que viemos a esta Assembleia para buscar inspiração umas com as outras, para encorajar e provocar, para conhecer profundamente e nos conscientizarmos que este momento deve ser enfrentado em colaboração e colegialidade.

O Papa Francisco ofereceu uma palestra no TED onde ele disse que o futuro tem um nome e o nome do futuro é esperança! Precisamos liderar nossos institutos nessa fé porque amamos nosso carisma, nossas irmãs e àqueles e àquelas a quem servimos. Nós lideramos porque recordamos e lideramos para criar memória. Podemos caminhar para este novo tempo confiando que o cerne de nossas histórias será recontado de maneiras novas e criativas à medida que os novos mapas surgirem e forem redesenhados? Podemos esperar que o centro de gravidade da vida religiosa mude para o sul, tornando possível um novo futuro, menos homogêneo, menos eurocêntrico, mais diversificado, mais colorido, mais parecido com a criação de Deus?

Somos chamadas, como líderes, por nossas comunidades, para liderar neste momento de grande movimento. Estamos prontas e dispostas? Podemos ser corajosas o suficiente para recontar nossas histórias de compaixão e coragem? Podemos mostrar às nossas irmãs como elas são e foram o solo do qual a nova vida emergirá? Acredito que quando confiamos em nossas próprias histórias, quando confiamos em nossa voz como mulheres, quando permanecemos em nossa fé no dom da esperança - nos unimos a todos aqueles homens e mulheres silenciosos que estão gentilmente, simplesmente, amorosamente restaurando a criação, restaurando a paz e restaurando a dignidade humana.

Nós também criaremos lindas, pequenas e frágeis borboletas!

---

<sup>19</sup> Vicki Wuolle, CSA, “Liderar: Com(with)passion(suffering),” *LCWR Material Ocasional*, Winder 2019, p. 25

<sup>20</sup> Marissa Guerin, “Resistir à Tirania da Inclusão nas Organizações”, Blog 12 de abril de 2018, <https://www.guerinconsulting.com/blog/resisting-the-tyranny-of-inclusion>